

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV, nº 117, março/abril - 2023

60
Anos

ANE 60 ANOS A ata de sua fundação, em 21 de abril de 1963

1

REGISTRADA

Ata, aprovada por aclamação, da reunião de fundação da Associação Nacional de Escritores.

Aos vinte e um dias do mês de abril, do ano de mil novecentos e sessenta e três, reunidos com a presença dos escritores paulistas Paulo Duarte e Helena Silveira, na livraria Dom Bosco, nesta Capital, os escritores abaixo-assinados resolveram fundar a Associação Nacional de Escritores, cujos estatutos consubs-tanciarão os fins a que se destina. Durante a reunião foi aclamado presidente o escritor Cyro dos Anjos que convocou para meia hora depois a Assembleia Geral para aprovação dos Estatutos provisórios da entidade e eleição dos demais membros da Diretoria e do Conselho Fiscal.

x Hugo Cunha dos Anjos
x Helena Silveira
x Paulo Duarte
x José de Oliveira
x Helena Silveira
x Cyro dos Anjos
x Maria Kelly
x Ana Mourão
x Alexandre Frischer
x José Helder de Souza

REGISTRADA

Luiz Valle
Alphonsus de Guimarães Filho
Pedro José de Assis
Jan J. Padua
João Batista do Amaral
Antonio de Almeida
João de Oliveira
Helena Silveira
Ezri Tuf
Roda Louf
Áurea Pinheiro
Nelson Mesquita
Adechal Pinheiro
João Luiz de Almeida
José Medeiros
Cassiano Monteiro da Silva
Edson Nery da Fonseca
Romeu Jobim
Vilma Nunes Leal
Petra Cabral Felix de Souza
João de Almeida
Carlos Castells Branco
Clevisvaldo Madureira
Christina Mendes
José de Souza

de infância e nuvens

marcos freitas

esse era o tempo
tempo de brincar
tempo de se dar ao sol

esse era o tempo
tempo de fruta no pé
tempo de chuva na mão

esse era o tempo
tempo de versejar
tempo de banhos de rio

esse era o tempo
tempo de se permitir
tempo de não se perguntar

esse era o tempo
tempo de ventos
tempo passarinho

TODOS NA TUMBA COM BUKOWSKI

Noélia Ribeiro

Charles, ninguém se importa com você.

Seu poema não importa.

Nem a lama nos sapatos do jovem

que acaba de fugir de casa e

tem nas mãos um pássaro

com a perna quebrada.

Observo da janela da sala:

ninguém se importa com eles.

Você não sabia?

A cerveja que busco na geladeira, derramo-a

em dois copos e, solitária, brindo ao amor.

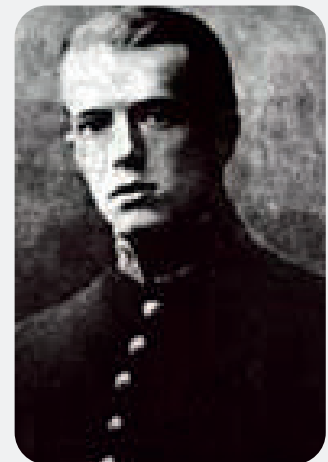
Que importa se os transeuntes

deixaram os olhos em casa?

Soneto do Mês

HISTÓRIA ANTIGA

Raul de Leoni



No meu grande otimismo de inocente,
Eu nunca soube por que foi... um dia,
Ela me olhou indiferentemente,
Perguntei-lhe o que era... Não sabia...

Desde então, transformou-se de repente
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me alguma coisa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

(Seleção de Napoleão Valadares)



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCRITORES – ANE

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Ficam os associados da ANE convocados para a Assembleia Geral Ordinária a realizar-se no dia 27 de abril de 2023, quinta-feira, às 19 horas, em primeira convocação, na sede da Entidade (SEPS 707/907, Bloco F, térreo), com a seguinte ordem do dia: 1) exame e votação do relatório e das contas da administração relativos ao biênio 2021/2023; 2) eleição da Diretoria e do Conselho para o triênio 2023/2026; e 3) posse da Diretoria e do Conselho. Está aberto, a partir da publicação deste Edital até o dia 27 de abril de 2023, o prazo para inscrição, na secretaria da ANE, de chapas para concorrer à eleição prevista no item 2, só podendo votar e ser votados os sócios quites (art. 26, parágrafo único, do Estatuto).

Brasília, DF, 14 de abril de 2023

Fabio de Sousa Coutinho
Presidente



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

30ª DIRETORIA

2021-2023

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
2º Vice-Presidente: Sônia Helena
Secretária-Geral: Kátia Luzia Lima Ferreira
1ª Secretária: Vera Lúcia de Oliveira
2º Secretário: Noélia Ribeiro
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Salomão Sousa
Diretor de Cursos: Roberto Minadeo
Diretora de Divulgação: Sandra Maria
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi, Aleixo, José Jeronimo Rivera, Napoleão Valadares e Ronaldo Costa Fernandes

JORNAL da ANE nº 117 – março/abril 2023

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO A ROBERTO ROSAS (IHGDF, 15.3.2023)

Fabio de Sousa Coutinho

A importante posse acadêmica desta noite no IHGDF enseja uma breve, posto que imperiosa, reflexão sobre uma das mais relevantes vertentes de nosso processo civilizatório, qual seja o ensino público de natureza universal e gratuita.

Pois foi precisamente nesse expressivo segmento da vida brasileira que cresceu, se criou e formou um cidadão da envergadura pessoal, intelectual e moral do jurista, historiador do Direito, professor, advogado, procurador e magistrado que nesta noite recebemos, honrada e orgulhosamente, na Casa de JK.

A trajetória de Roberto Ferreira Rosas até à consagração da investidura de hoje começa nos anos em que, na primeira metade da década de 1950, ingressa no glorioso Colégio Pedro II, em sua cidade natal, a então capital de todos os brasileiros, o Rio de Janeiro. Naquele venerável educandário, Roberto Rosas deparou com o que de melhor se podia então oferecer a um jovem carioca em matéria de ensino, com todos os requisitos para uma sólida formação humanística, sob a influência de toda a sociedade, dentro da qual a escola ocupa um lugar central. No Pedro II daquele tempo, o estudante tinha acesso a uma plêiade de professores que representavam uma virtuosa geração docente, paradigma para todos os demais estabelecimentos de ensino em nosso país.

Com o formidável embasamento teórico e prático adquirido no colégio fundado no Segundo Império, o novo sócio acadêmico deste Instituto estava equipado para cursar, em seguida e simultaneamente, outras duas instituições modelares da vida educacional brasileira: a Faculdade Nacional de Direito da Universidade do

Brasil, hoje UFRJ, e o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, depois, sucessivamente, UEG e UERJ.

Em todos eles Roberto Rosas se destacou como estudante intelectualmente curioso e culto, concluindo os dois cursos superiores, no começo dos anos 1960. A partir daí, já transferida a capital da República para Brasília, é para cá que rumo o jovem bacharel, iniciando uma carreira profissional que dá espaço a poucas comparações em nosso mundo jurídico.

Procurador do Tribunal de Contas local, professor de Direito Civil da FDUUnB, Ministro do TSE, fundador e presidente do IADF, Conselheiro Federal da OAB, membro titular da Academia Brasileira de Letras Jurídicas, em todos esses postos nosso mais novo confrade teve atuação impecável, a ponto de merecer, em 2004, por ocasião de seu ingresso na ABrL, saudação de Carlos Fernando Mathias de Souza cuja conclusão constitui a síntese mais perfeita de uma vida de cidadão exemplar e dedicado à comunidade que escolheu para viver:

“Mais do que um homem público, sois, efetivamente, um ser de utilidade pública”.

Na própria ABrL, que integra há quase 20 anos e de que é o atual vice-presidente, posso e devo testemunhar uma atuação leal, proativa, competente e propositiva, invariavelmente colocando o interesse institucional acima de quaisquer outros.

Autor de inúmeras obras jurídicas de inquestionável relevância, destaque, na bibliografia de Roberto Rosas, a valiosa biografia do Ministro Pedro Lessa, do STF, *O Marshal Brasileiro*,

de 1985, livro que traduz a genuína admiração de um advogado de escol por um dos magistrados mais completos da história do Poder Judiciário de nosso país.

Recentemente, em 2019, ao completar jubiloso 80 anos de idade, Roberto Rosas foi distinguido pela publicação de um cartapácio de mais de 900 páginas, com textos de autoria de dezenas de alguns dos mais conhecidos juristas de nossa terra. Do livro, intitulado *Uma vida dedicada ao Direito* (Estudos em homenagem a Roberto Rosas), uma passagem me chamou particularmente a atenção, pedindo licença autoral para reproduzi-la, aqui e agora:

“Roberto Rosas é a melhor pessoa que conheço. Como pai, marido e avô, sempre colocou a família em primeiríssimo plano. Com ele, aprendi o valor das amizades, vendo-o carregá-las por toda a vida com a leveza de um homem bom, correto e justo, e a tentar meu melhor como ser humano, tratando com o mesmo respeito a todos e valorizando os mais diversos ofícios. Com ele, aprendi o valor da honestidade e do trabalho duro, da paciência, generosidade e empatia”.

São palavras da lavra do prefaciador da obra coletiva a que acabo de me referir, o advogado Rodrigo Rosas. Trata-se do depoimento irrevogável de um filho sobre a bela aventura vital de seu genitor, mestre e colega. Resta, portanto, quase nada a acrescentar, nesta faustosa sessão de posse no IHGDF, além de proclamar, alto e bom som, um afetuoso, feliz e fraternal: seja muitíssimo bem-vindo, Roberto Rosas!

Obrigado.

ÉRICO VERÍSSIMO

Arioaldo Pereira de Souza

Saudoso, volto às páginas de nosso JORNAL da ANE, para não perder a verdadeira seiva das nossas raízes.

Érico Veríssimo, no seu romance *O Continente*, nos conta como Ana Terra e sua família, nos primórdios da colonização do Rio Grande do Sul, conseguiam orientar-se na passagem do tempo: Na estância onde Ana vivia com seus pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e naquele fim de mundo não existia calendário nem

relógio. Eles guardavam de memória os dias da semana, viam as horas pela posição do sol; era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam das estações do ano. Ana Terra era capaz de jurar que aquilo acontecera na primavera, porque o vento andava bem doido, empurrando grandes nuvens brancas no céu, os pessegueiros estavam floridos e as árvores que o inverno despira, se enchiam outra vez de brotos verdes. Pois assim é a tradição gaúcha.

CONTINHO TRISTE

Anderson Braga Horta ()*

Vivo, queimava-lhe o corpo com ponta de cigarro. Ela odiava. Mas insone o esperava, a desoras, e suportava em silêncio as sevícias. Delícias! – não conhecera outro carinho. Nunca trancou a porta.

Agora é morto. Ela fica na cama, em silêncio, a lâmpada acesa, e tem os olhos no trinco da porta. Odiesperando-o ainda? E

presente-o – mas está morto? – e vê-lhe o vulto que se aproxima, e abafa com volúpia, forma de lembrar-se, a dor da queimadura no corpo.

(*) Fundador da ANE

A (RE)VOLTA DE POLICARPO

Glauber Vieira Ferreira

Pela ausência de grandes e heroicos personagens literários, eis que o velho Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, foi resgatado em carne e osso pela nossa egrégia Academia Brasileira de Letras, saindo de seu “triste fim” para quem sabe um novo recomeço.

Não foram divulgados detalhes sobre o episódio, mas presume-se que a ABL tenha tido a ajuda de certo mago para trazer o clássico personagem de volta à baila.

Policarpo ressurgiu de manhã, já estranhando de início o que via em volta. Nada mais natural, pois Lima Barreto o colocara na cidade do Rio de Janeiro em fins do século 19.

Saindo com um grupo de escritores para passear pelas ruas do seu Rio, não gostou nada do que viu.

— Bando de gente maluca! Quase nos atropelam com essas carroças de metal e sem animais! Como os cocheiros as controlam?

Enquanto se dirigiam para um parque, lugar mais tranquilo para conversar, explicaram-lhe sobre o desenvolvimento automotivo no decorrer das últimas décadas.

— A cidade está mais desenvolvida, não acha?

— Eu diria mais barulhenta e desorganizada. — respondeu, já perdendo o humor.

— Caro Policarpo — continuou um jovem poeta, talentoso, mas carente de bom senso — és dos personagens mais patriotas que o Brasil já conheceu. Poucos estudaram nossa pátria com tanto amor e competência, não por acaso, tornou-se um clássico na literatura nacional. Por isso te chamamos, para, quem sabe, ministrar um workshop para novos personagens...

— Um o quê? — perguntou Policarpo, estranhando aquele dialeto.

— Uma palestra, um curso. — respondeu o outro.

— Bem... sabeis que o Brasil sempre foi minha paixão. O respeito à sua natureza, a sua língua, a sua gente, sempre permearam minha conduta. Terei sim prazer em orientar as novas gerações de personagens. Mas, por ora, encontro-me faminto. Há alguma taberna próxima?

— Sim — respondeu o jovem poeta —, mas hoje em dia chamam-se restaurantes; ou fast-food, como preferem outros.

— Fésti fud? Que diabos é isto?

— É comida rápida, em inglês. O pessoal daqui acha elegante a língua de Shakespeare.

— De fato, tem suas belezas. Mas, se não me levaram a sério na proposta de se ensinar o tupi nas escolas, deveriam pelo menos preservar a língua de Camões, também encantadora.

Por fim, resolveram levá-lo a uma lancho-nete, lugar geralmente mais calmo na hora do almoço, já que Policarpo ainda estava visivelmente incomodado com a enorme quantidade de gente nas ruas. O jovem poeta deu a ideia: levar o velho personagem para lanchar em um shopping center.

Lá dentro, depois de passar em frente de lojas como Golden Joalheria, Kings Coffee e Woodstock CDs, chegaram à praça de alimentação.

Apresentaram ao ufanista Policarpo... o Mc Donalds...

— Róti dóg, xis burger... Que diabos de comida é essa, senhores?

— Não se preocupe, Policarpo, o nome pode ser estranho, mas o lanche não é ruim.

— As sardinhas da Taberna do João me pareciam mais apetitosas. E pelo menos dava para saber o que estávamos comendo...

Enfim, lancharam todos e uma hora depois estavam de volta à rua. Retornaram para a sede da ABL, onde apresentaram a Policarpo um aparelho inexistente em sua época, a televisão. Nada melhor para mostrar-lhe de modo mais dinâmico o que acontecia no País. Foi aí que tomou conhecimen-

to das fraudes em licitações públicas, do desvio de dinheiro, dos votos comprados...

— Bando de néscios, malta de bandidos, quadrilha de pândegos! A mão da Lei será pesada sobre seus cornos!

Acharam por bem não alertá-lo que a mão pesada dos egrégios tribunais do país tinha por hábito presentear os acusados – a maioria presa em flagrante, com a mão na cumbuca, como diriam os antigos – com providenciais habeas corpus...

— Que fazem com meu país, calhordas? — perguntou Policarpo, sem desgrudar os já úmidos olhos da tela.

A notícia seguinte dava conta do desmantamento da Amazônia, da poluição dos rios, e da suprema incompetência governamental não só em prevenir tais problemas, como também em punir os responsáveis.

Depois do intervalo, chegou a vez do caos na saúde pública, das escolas de lata...

— Calhordas, salteadores, biltres, abutres, sacripantas!!! — xingava Policarpo, quase batendo na televisão.

Deram-lhe um calmante à base de farinha que não surtiu efeito. Por fim, preferiram trancá-lo em uma sala, para que pudesse descansar um pouco. No início da noite, mais calmo, Policarpo informou:

— Amigos, agradeço a honra de me considerarem como modelo, como exemplo, mas prefiro retirar-me. Na verdade, caríssimos, não precisais de personagens clássicos ou de heróis míticos; precisais de homens de carne e osso, de bom senso, justos e preocupados com o próximo, que saibam dirigir o país com responsabilidade e serenidade.

E foi-se o velho Quaresma, quem sabe passar uma quarentena no consultório do seu estimado amigo Simão Bacamarte, o Alienista, de Machado de Assis. Precisava desabafar um pouco...

O ROSTO

Almeida Fischer (*)

Sei que ninguém me compreende e que todos me julgam doido. Entretanto, vejo, sinto, ouço como os outros, percebo a friagem destas grades brutais que me tolem os passos e a beleza inédita daquela flor de sangue pulsando ao sol como um estranho coração. Não digam que minto, que a realidade é outra e que não sei o que estou dizendo. Acaso não existirão milhões, bilhões, trilhões de realidades, uma para cada ser, conformada ao seu cérebro, ao seu mundo? Por que hei de aceitar como boa e infalível uma realidade geral, que, íntima e secretamente, ninguém aceita?

Dizem que cometi um crime hediondo, que isto é um manicômio e que serei julgado brevemente. Serei julgado por quem? Por Deus? Nas aulas de catecismo D. Laura me afeiçoava que Deus é todo-poderoso, é onisciente, justo e bom. Éramos duas dezenas de meninos e aprendíamos o que era um bom cristão e o que era preciso para ser um bom cristão, pensando nas brincadeiras da hora do recreio, nos balanços de correntes e nas barquinhas giratórias.

Não compreendo que crime é esse a que se referem constantemente, me apontando dedos ameaçadores. Percebo que estão conluiados contra mim e tramam em baixas vozes algo de sinistro a meu respeito. Olham-me com receio e prevenção, como se eu fosse capaz de um ato ignóbil, de um crime monstruoso. Um crime... É isso mesmo, afirmam que houve um crime e que minhas mãos estavam tintas de sangue.

Minha filhinha estava com dois anos, agora me lembro bem. Andaram dizendo que não era minha filha, que não se parecia nada comigo. Depois, veio aquela maldita carta, contando coisas terríveis. Minha filha era minha, sim, e me amava e me preferia à própria mãe.

Informaram-me que vou ser julgado logo que fique bom. Mas, não estou bom? Ah, sim, eles pensam que perdi a razão. Ainda darei um urro nesta cela que porei todos tremendo de pavor. Eles não conhecem minha força, estão enganados comigo. Tenho uma arma terrível, capaz de desgraçar a todos. É por isso que eles me temem. Ah, já descobriram meu segredo, mas pagarão caro tudo o que me estão fazendo.

Sou um médico de renome e de prestígio e tenho amigos na política. Estes homens de branco que rondam minha cela o dia inteiro, hão de me pagar. São traidores e se uniram contra mim por inveja, para me roubar o hospital, os clientes e as descobertas que realizei. Eram todos empregados no meu hospital. Até meu assistente se uniu aos outros. Mas não faz mal, eles verão.

Ontem, dois homens enormes me arrastaram a um salão, onde me amarraram num aparelho elétrico. Querem matar-me, mas eu os estraça-

lharei. Aquilo é uma cadeira-elétrica, pensam que não sei.

O passado desfilando-lhe diante da memória como um filme. Joceli tinha uns olhos superlativamente verdes como uma esperança, os seios duros e empinados, de um moreno claro, os longos braços nus sempre prontos a abrigar-lhe o corpo, os cabelos molhados de mar, escorridos sobre os ombros. E havia barcos de pesca sobre o mar tranquilo, movediços pontos brancos que se apagavam na distância, que se afastavam para além do horizonte.

Joceli nadava bem e o fazia acompanhá-la perigosamente para longe da praia. Às vezes mergulhavam juntos e ela o envolvia, no fundo do mar, como um diabólico polvo. Em pé na praia, a companheira e a filhinha ao lado, brincando na areia, seus olhos acompanhavam ansiosos os navios que se afastavam para outros portos, para outras terras, um sabor de despedida amargando-lhe a boca, um inconsciente desejo de fuga inquietando-lhe a alma.

– Vamos nadar, meu bem?

Puxava-o pelo braço, com insistência, implorava-lhe com aquele seu jeitinho encantador de falar. Depois ria muito, a propósito de nada. Nadavam para longe, para além dos barcos de salvamento.

Todos os sábados trazia a família a Santos. Muitas vezes deixava Joceli e a filha passarem o resto da semana na praia, enquanto voltava ao trabalho. O mar exercia-lhe uma grande e irresistível atração. Vira já entrarem no porto e saírem centenas de navios, grandes e pequenos, de passageiros, de carga, vasos de guerra enfeitados com enormes canhões, saveiros de velas brancas, transportando peixes, lanchas a motor divertindo turistas nacionais e estrangeiros. Seu pensamento fizera também centenas de viagens, acompanhando o roteiro das embarcações que se afastavam pelo mar adentro, fundamentando apenas no “placard” de saída dos navios. Alma de marinheiro exilado em terra firme, os apelos do desconhecido gritavam angustiantemente em seus nervos e ardia em seu sangue, constantemente, aquele profundo desejo de fuga para outros mundos.

Nesse verão, ficou sozinho na praia. Joceli tinha morrido afogada, no fim da primavera. Em frente ao mar, solenemente, como se estivesse diante de Deus, seus olhos buscavam sofregamente a distância, onde rosas de fogo boiavam. Em que porto teria ancorado o barco de Joceli?

Minha filha era minha, sim. Por que insistiam em me ferir, em criar dúvidas terríveis em meu cérebro? Mas aquele rosto, aquela cabeça braquicéfala, aquela maldita semelhança doendo em mim, martirizando-me. Joceli não seria capaz disso, era meiga e boa, mas a carta contava tudo, entrava em minúcias inesperadas e desconcertantes e insistia em acentuar a insuportável semelhança.

Ah, o rosto de minha filha me perseguindo, crescendo nos sonhos, refletindo-se em tudo, bailando no ar doidamente, multiplicando-se em milhares de rostos que me fixavam olhares apunhalantes. O rosto de minha filha nos azulejos brancos da sala de operações. O rosto de minha filha me olhando no brilho metálico dos instrumentos cirúrgicos.

Minha filha era minha, sim, mas eu precisava modificar seu rosto, extirpar-lhe da fisionomia a maldita semelhança. A população da cidade já sabia de tudo, com certeza. Meus amigos, meus clientes, todos já sabiam do caso, pois me olhavam curiosos, me analisavam às escondidas e cochichavam entre si. Quando eu saía à rua, conduzindo minha filhinha pela mão, muitos paravam, sob o pretexto de brincar com a menina, mas eu sabia que assim procediam a fim de poderem examinar melhor seu rosto, seus traços fisionômicos. Todos já sabiam, com certeza. Eu precisava arrancar do rosto da minha filha a máscara miserável. Os traços do outro, a semelhança com o outro.

Sou o maior cirurgião do mundo e já transformei rostos cansados e enrugados em rostos belos e adolescentes. Minha filha haveria de ser absolutamente parecida comigo. Ninguém mais duvidaria de que eu fosse seu pai. Ninguém mais nos examinaria curiosamente e nem riria de mim. Sou o maior cirurgião do mundo e posso fazer milagres na sala de operações. Eles, os tolos, não sabem quem sou. Dizem que cometi um crime hediondo e que serei julgado logo que fique bom. Mas eu não tenho nada e eles estão enganados se esperam que me sente novamente na cadeira-elétrica. Pensam que serei julgado, os imbecis. Mal sabem que daqui a pouco minha filha estará viva, forte e com um novo rosto. Olhe aquela grande e inédita flor de sangue pulsando ao sol como um estranho coração. É minha filha que volta à vida. Já preparei tudo e agora é preciso apenas que o sangue seque. Seu pulso está normal e daqui a minutos, rediviva e bela, ela caminhará para mim. E nós passearemos triunfalmente pelas ruas.

(*) Fundador da ANE

SEM AÇÚCAR, SEM AFETO E SEM ANESTESIA

Vera Lúcia de Oliveira

Oh, mal destrutivo, condição da pobreza!

CHAUCER

Quem fala da própria experiência corre o risco de fazer literatura ruim. Mas quando as vivências se tornam material reciclado da melhor qualidade, o escritor consegue transformar o que seria banal, sem graça ou sem interesse em obra de reflexão existencial. Foi o que conseguiu o mestre George Orwell (1903 - 1946) com o livro *Na pior em Paris e Londres* (SP: Tricaju, 2021), publicado em 1933.

Nesse livro feito com a memória e também com a invenção, fica difícil separar onde começa uma e termina a outra. Mas que importa isso se no fim das contas tudo é ficção? Tudo que é alterado, enfeitado pela memória se torna ficção. Não há como não se espantar com o relato do tempo de pobreza de Eric Arthur Blair, nome de batismo do inglês George Orwell, em Paris e Londres nos anos de 1930. Fez de tudo para sobreviver: foi professor, escreveu para jornais, lavou pratos em restaurantes pobres em Paris, vendeu o pouco que tinha, penhorou até as calças e, por fim, viveu como mendigo em Londres. É inacreditável como sobreviveu para contar! Era jovem, é verdade, mas poderia não ter resistido a tanta miséria e fome. Desceu todos os degraus da ordem social, perambulou pelas ruas dia e noite como alma penada, sempre à procura de trabalho e comida. Viveu uma experiência antropológica no bas-fond de Paris e nos albergues de Londres entre mendigos, ladrões, homens doentes ou perturbados; enfim, conheceu a escória humana.

Para começar, vamos encontrar o narrador na capital francesa, na Rue Coq d'Or, às sete da manhã, numa cena que parece saída dos formigueiros humanos dos romances de Émile Zola ou dos cortiços e pensões do nosso Aluísio Azevedo. Hotéis baratos, melhor, espeluncas para estrangeiros pobres, imigrantes ilegais, trabalhadores e ainda espertalhões de todo tipo. Uma verdadeira fauna. Xingamentos e gritos da dona do hotel, se é que assim se pode chamar uma hospedagem infestada de percevejos, papel parede rasgado e imundo:

"Meu hotel era o Hôtel des Trois Moineaux. Era uma toca de coelho, um labirinto escuro de cinco andares dividido em quarenta quartos por divisórias de madeira. Os quartos eram pequenos e inveteradamente sujos, porque não havia camareiras, e Madame F., a patronne, não tinha tempo para fazer nada. As paredes eram finas como madeira de fósforo e, para esconder as rachaduras, haviam sido cobertas com camadas e mais camadas de papel parede cor de rosa, que se soltava e servia de abrigo aos insetos. Perto do teto, longas fileiras deles marchavam o dia todo como colunas de soldados, e à noite desciam famintos, de forma que era preciso se levantar de madrugada e matá-los em hecatombes. (p. 8)."

Foi nesse lugar que viveu o narrador por um ano e meio. E as aventuras e desventuras só estavam começando. Deu aulas de inglês, mas perdeu os alunos e precisou se virar como pôde. Reflete sobre essa decaída, sobre esse contato real com a pobreza:

"Você descobre, por exemplo, o sigilo ligado à pobreza. De repente, você se vê reduzido a uma renda de seis francos por dia. Mas, é claro, não se atreve a admitir, precisa fingir que continua vivendo como de costume. Desde o início, ela o enreda em uma teia de mentiras e, mesmo mentindo, é difícil admitir a situação. Você deixa de mandar as roupas para lavar, e a lavadeira o encontra na rua e pergunta por quê; você resmungua alguma coisa, e ela, pensando que você está mandando as roupas para outro lugar, torna-se sua inimiga para o resto da vida. O vendedor de tabaco insiste em perguntar por que você parou de fumar. Há cartas que gostaria de responder, mas não pode, porque os selos custam muito caro. (p. 19)."

Sem falar no maior de todos os problemas, as refeições que obrigam o sujeito a passear horas fingindo que saiu para almoçar. Foge dos encontros com amigos na rua para evitar um possível vexame financeiro. Cada centavo faz muita diferença, pois significa gramas a mais de pão. E ainda:

"Você descobre o que é sentir fome. Com pão e margarina no estômago, você sai e vai olhar as vitrines das lojas. Em todos os lugares há comida o insultando em imensas pilhas de desperdício; porcos inteiros mortos, cestos de baguetes quentes, grandes e amarelos blocos de manteiga, fileiras de linguiças, montanhas de batatas,

queijos gruyère grandes como rebolos. Uma autopiedade chorosa o invade diante da visão de tanta comida. Você planeja pegar uma baguete e correr, comer tudo antes que o peguem; e se contém por puro desânimo. (p. 21)."

Todos os sentimentos afloram na pobreza, do desânimo à raiva, passando pela indignação e revolta. Assim viviam milhares de pessoas em Paris nos anos de 1920 e começo de 1930. Artistas, estudantes, prostitutas, desempregados, todos na equivalente "fila do osso", como vimos recentemente em nosso país.

Quando já se encontrava no fundo do poço da sociedade, sem dinheiro para o aluguel, o jeito foi penhorar as roupas, só lhe restando "a que vestia – um casaco bem danificado no cotovelo, um sobretudo moderadamente penhorável e uma camisa extra." (p. 25). Depois de muito perambular com o amigo Boris em busca de emprego, foi parar num restaurante onde trabalhou como plongeur, lavador de pratos, num hotel de décima categoria, cuja sujeira era revoltante:

"Na cozinha a sujeira era pior. Não é força de expressão, é só a afirmação de um fato dizer que um cozinheiro francês cuspirá na sopa, isto é, se ele mesmo não for tomá-la. Ele é um artista, mas sua arte não é a limpeza. (p. 84)."

Trabalhou como um escravo em jornada de quinze, dezesseis horas, restando-lhe pouquíssimas para o sono, cujo verdadeiro valor aprendeu a dar nesse trabalho insano, também compensado pela bebedeira nos fins de semana. E teve mais, e pior. Lavou pratos e descascou cebolas numa cozinha minúscula, um verdadeiro chiqueiro, como disse. E, como sempre faz, Orwell analisa a situação dos trabalhadores em suas obras, sem pieguismo. Nesta, considera o plongeur um dos escravos do mundo moderno:

"Não que haja alguma necessidade de chorar por ele, pois está em melhor situação que muitos trabalhadores braçais, mas, mesmo assim, não é mais livre do que se fosse comprado e vendido. Seu trabalho é servil, sem arte; ele recebe apenas o suficiente para sobreviver; só tem férias quando é demitido. Ele é privado do casamento ou, se casar, sua esposa também tem que trabalhar. Exceto por um golpe de sorte, ele não tem como escapar dessa vida, a menos que seja preso." (p. 123)."

Comparou ainda esses trabalhadores com os puxadores de riquixás indianos, ou com um pônei atrelado a um gharry também na Índia, que ele tanto conheceu. Sobre os puxadores de riquixás, diz:

"Em qualquer cidade do Extremo Oriente, há centenas de puxadores de riquixás, negros desgraçados pesando cinquenta quilos e vestidos com uma tanga. Eles trotam por quilômetros e quilômetros sob sol ou chuva, de cabeça baixa, puxando os veículos com o suor escorrendo dos bigodes grisalhos. Quando vão muito devagar, o passageiro os chama de bahinchut. Eles ganham trinta ou quarenta rúpias por mês e tosse até quase cuspir os pulmões depois de alguns anos. (pp. 124 e 125)."

Assim o plongeur: escravo de um hotel ou restaurante, numa escravidão mais ou menos inútil, em trabalho estúpido ou desnecessário, acrescenta.

Essa observação do aspecto social do trabalho é, como dissemos, uma marca importante da literatura de Orwell, que nunca se interessou por obras de tese, como os naturalistas do século 19, mas tão somente pela verdade da observação do escritor. Escreveu o que viu, o que ditou a sua sensibilidade e suas ideias diante dos fatos básicos da vida, como afirma no ensaio "Por que escrevo" (1946).

Na segunda parte do livro, vamos encontrar o nosso desafortunado narrador em Londres, para onde seguiu por uma promessa de trabalho, o que, para seu desespero, não aconteceu de imediato, forçando-o a gastar seus poucos recursos e cair na mais abjeta pobreza. Só se alimentava de chá, duas fatias de pão e margarina. Era o que conseguia quando tinha sorte. Passou por albergues e acomodações precárias e sua vida escorregou ladeira abaixo. Sem dinheiro até para os cigarros, fumava bitucas colhidas nas ruas. Virou mendigo. Frequentou lugares repulsivos, desumanos, onde ele e outros foram tratados como bichos. Mas a situação sempre podia piorar: as rígidas leis de Londres não permitiam que mendigos pedissem esmolas e se sentassem ou dormissem nos bancos dos jardins, das estações de trem, em nenhum lugar público. Assim, os mendigos e

o narrador, claro, andavam até dez horas por dia, sem direito a descansar os pés e as pernas. Diz ele: “uma das piores coisas de Londres: é preciso pagar até para sentar.(...) Só Deus sabe o que poderia acontecer com quem sentasse na calçada em Londres. Prisão, provavelmente.” (p. 163). Um país que não deixa o seu cidadão sentar. Pode? Que país é esse?

Para exemplificar talvez a pior passagem do fundo do poço, um mendigo vende a roupa do corpo a outro, totalmente nu, ficando igualmente nu, numa situação surreal.

De albergue em albergue, outras vezes vivendo da caridade cristã – que também tinha o seu preço, o da submissão e humilhação —, o narrador conheceu

homens que caíram em situação de rua, como se diz atualmente, por terem perdido o emprego, a família e, depois, a esperança, aquela que morre por último.

Finalizando, Orwell, em *Na pior em Paris e Londres*, faz uma análise da situação social dos mendigos, seres desprezados universalmente, vítimas de preconceitos por não terem uma vida decente, produtiva; vida que poderia ser resgatada pelo trabalho útil, de cujo benefício poderiam desfrutar. Observa ainda que, se comparados a certos ofícios respeitáveis, eles são tão honestos ou inúteis quanto... Esse livro exemplifica a sua intenção de transformar escritos políticos em arte, pois o ponto de partida, como afirmou, é sempre um sentimento de resistência, um senso de injustiça. A boa prosa é como uma vidraça, afirmou.

DEZEMBRO, E FLORIAM

Astrid Cabral ()*

Em novembro pairavam ainda resquícios de inverno pelo ar e havia quem com isso se regozijasse. Mas não os copos-de-leite adormecidos nos longos meses frios. Punham-se a protestar ansiosos, as touceiras nuas e entanguidas.

– Por que tardaria o sol maduro e redondo, a tomar banho no córrego?

Debruçavam-se impacientes sobre as águas preguiçosas que mal corriam, antes de tão mansas. Ali assistiam ao cinema do céu – as nuvens em desfile, as promessas de chuva, os passeios dos pássaros, especialmente as andorinhas no verão.

Perto fluía a água em seu frescor cantante e renovado. Um gesto bastava para alcançá-la. Os copos-de-leite porém serviam-se dela como de um espelho, já que a terra se incumbia de irrigá-los, maternalmente úmida. A vaidade, nunca a sede, é que os inclinava à fonte. Então sob a luz estridente de janeiro, se compraziam em suas imagens trêmulas. Era um estranho nervosismo aquele que os surpreendia dentro d'água. Ao redor deles o ar bem comportado não lhes movia a menor haste. Ali pousavam, duros, rijos, à semelhança de flores de goma, confeitos de bolo.

Em novembro ainda se enrolavam friorentos, abotoados invisíveis pelas extremidades dos pendões. No córrego, a água escorria gelada sobre pedras insensíveis, agasalhadas no verde limo. Este se depositava vagaroso sem que se visse quando.

– Viria com o negror da noite? indagavam-se os copos-de-leite.

A escuridão das noites era talvez um tom de verde muito condensado, e o limo descia pelo espaço feito chuva, sentando no fundo das águas, poeira pesada e incapaz de flutuar. Mas não, segredavam-lhes as surdas vozes da intuição. O limo era a face da morte que se mostrava. Nas águas muitas plantas se afogavam – não apenas os caniços ribeirinhos, os nenúfares, mas as que vinham nos ombros dos ventos ou caíam em detritos rolando barrancos, mergulhando do alto das pontes. Amoleciam de infusão, mormente nas horas em que o sol amornava as águas para desmancharem-se trituradas pelos redemoinhos do caminho. Tingiam de verde o leite dos rios, agarrando-se às pedras pequeninas que viravam peludas aranhas submersas.

O limo, bem suspeitavam, era o futuro. Nele, se encontrariam petúnias e glicínias... Nele, seus alvares de alfenin se manchariam com o sangue dos gerânios... Toda a imponência e fidalguia de que eram dotados, a posição social de que desfrutariam, frequentando jarras de longos gargalos, acabaria ali entre desconhecidos, no limo comum. O recinto de nenhuma igreja, a música de nenhum órgão os salvaria da devastação. Pediam assim a simples graça de nascerem e morrerem naquele cantinho aprazível que lhes pertencia há muitas gerações e era a melhor das heranças. Terra sadia, isenta de minhocas e animaizinhos indesejáveis.

No verão, quando floriam, a ameaça de morte os sobressaltava.

– É hoje que começa a via-crucis, diziam-se cada manhã.

Exultavam ao baixar da noite que os acobertava e protegia.

À luz da manhã, o esconderijo tornava-se vulnerável. O físico exuberante afrontava. Os cartuxos, sóbrios, lisos, acordavam semelhanças várias. Gorros de anões pendurados em feixe de verdes cabides. Campânulas a anunciar uma canção iminente que seria pura, aguda e fria. A espiga dourada afundando-se no recesso da carne muito branca, louvava a fecundação.

A cobiça nutria-se de razões. Nas brancas espadas, pastavam os olhos mais lúbricos e os mais castos. Os amantes se ofereciam ramos enquanto os

beatos seguravam-nos, contritos como se trouxessem à mão castiçais de velas acesas.

A perseguição era a sina. O branco da tez com que se erguiam do chão imantava os olhos humanos, fartos de colorido. Com efeito, onde tamanha alvura da natureza? O céu tinha ressaibos de cinza e nos dias limpos parecia enxaguado em anil. As pedreiras que eram brancas de nascença se embrulhavam sob as pardas crostas do tempo – as horas se desmanchavam em nódoas lentas. Mesmo as areias das praias se manchavam sob as marés e as espumas eram frágeis, de alvura inconsistente.

Os copos-de-leite ofereciam leite e a sede dos homens os sacrificava. Embora com singeleza estava em poder deles corresponder a nostalgias que estremeciam os homens. Aquela presença serena, emoldurada de chão e horizonte, apaziguava. Era como se a eternidade os houvesse tocado e fossem mármore constante. Junto a eles, hiatos se preenchiam. A paz contagiava.

Entrelaçado ao quente desejo de ser, de externar-se à luz apenas pressentida, havia um temor minando-os como a água do chão. Subia-lhes do poço em que se originava a própria essência para correr de mistura à seiva e sustar por algum tempo aquela inclinação ao sol onipotente.

Conviver? Que bom! falava a poeira visitando-lhes as folhas verde escuras. E dizia-o com tanta insistência que estas respiravam de leve, arfando semi-sufocadas. A convivência, pensavam os copos-de-leite, aumentaria o mundo como um punhado de fermento. O quatinho sombrio em que dormiam, reclinados e enrolados sobre si mesmos, desmoronaria as paredes a fim de que janela sem fronteiras os engolfasse. Então estremecendo de simpatia, pecíolos de outras folhas rindo na brisa calda... Pistilos polvilhados de pólen rompendo da coroa de pétalas matizadas, fragrantes... Adivinhavam. Mas sonhariam?

Não se fizeram resistentes por mais tempo. Dezembro, e floriam. O sol desembrulhado das brumas aquecia. Com volúpia espaireciam debaixo dele, aninhados, filhos do sol, aconchegados no bafo de sua asa imensa.

Subitamente o mundo fez-se amplo, resplandecente. Conheciam o perfume que não lhes fora outorgado entre os dons, e viam pela primeira vez as cores, ausentes na escuridão em que jaziam há pouco. Delirantes de alegria deixavam que a realidade os envolvesse, dóceis, submissos.

Por momentos o êxtase os arrebatava. Velavam imóveis, compungidos, o tempo que morria neles, as orlas das folhas estorcendo-se de cansaço e calor. Testemunhavam a exaustão de cálices entornando flores murchas sob a severidade do sol.

Foi então na tarde quente que se despencou chuva pesada e sem preâmbulos. Mal banhara os copos-de-leite e já se recolhia sem deixar vestígios no ar. Apenas sobre a terra a poeira sentara e a folhagem se refrescava nas bolhas fartas do orvalho graúdo.

O sol ardia e sua luz tinha crueza de pimentas malaguetas. Caíam os raios como setas nas pocinhas espalhadas sobre os copos-de-leite. Lagoinhas verdes na palma das folhas, alvas cacimbas no côncavo das espadas. Crescia a intensidade do sol. A luz se refletia gerando brilhantes como um punhado de estrelas precoces, condescendentes em baixar. Mas os brilhantes eram ásperos e agudos. Doíam. Doíam.

Padeciam os copos-de-leite sob os raios a enterrarem suas lanças de ouro.

Mortalha de veludo, o limo os aguardava.

(*) Fundadora da ANE

CANTO DE AMOR E DOR

sôniahelenas

Florbela viveu apaixonada. Desde sempre e para sempre.

Amou o pai, seu melhor amigo, segundo ela. Amou o irmão, Apeles, sua alma-irmã. Amou sua terra, o Alentejo, cantado em numerosos sonetos de *Charneca em flor*. Amou Portugal, seu amado Portugal; amou os homens, seus amigos, amores e maridos.

Cantou o amor sofrido, desesperançado, não alcançado. Cantou a dor do amor.

Teve uma vida singular. Nasceu, casou-se pela vez primeira e faleceu no dia 8 de dezembro, sempre o mesmo dia.

Em 1894, viu a luz do mundo, em Vila Viçosa, no Alentejo, filha de João Maria Espanca e Antónia da Conceição Lobo, em um relacionamento extraconjugal, consentido entre seu pai e a esposa, Maria do Carmo Inglesa, que não podia ter filhos e veio a ser a madrinha de Florbela. Três anos depois, do mesmo relacionamento, nasceria seu irmão, Apeles, por quem tinha um afeto desmedido.

Viveu com a mãe até seu falecimento, em 1908, quando passou a viver na casa do pai. Assinava seu nome Florbela Espanca, ainda que o pai só tenha vindo a perfilhá-la em 1949, quase dezoito anos depois de sua morte.

Em 1913 emancipou-se para se casar, em 8 de dezembro, com Alberto Moutinho, seu amigo de infância e colega de escola em Évora, para onde a família se mudara logo depois da morte de sua mãe, a fim de que Florbela pudesse estudar.

Em 1930, em Matosinhos, próximo ao Porto, por volta das 2 da manhã, no mesmo dia e à mesma hora em que nasceria, faleceu, em consequência da ingestão de uma overdose de Veronal. Na versão oficial, morreu, às 22 horas do dia 7, de um edema pulmonar do qual padecia há algum tempo, para que a pudessem sepultar com cerimônia religiosa.

Foi uma mulher fora do seu tempo, quase uma libertária. Rompeu tabus e preconceitos. Foi a primeira mulher a frequentar uma escola de Direito, em Lisboa, para onde se mudou sozinha, deixando o primeiro marido em Évora. Esteve, desde os 19 anos, quase permanentemente casada, pois ao terminar um matrimônio, já estava enamorada novamente e se casava em seguida. Enfrentou o divórcio mais de uma vez, em uma época em que tal atitude era quase escandalosa. Teve três maridos e alguns amores.

Apesar de ter feito algumas incursões literárias desde a adolescência, quando começou a compor um caderno manuscrito ao qual deu o nome de *Trocando Olhares*, composto entre maio de 1915 e abril de 1917, no qual reuniu quadras e

quintilhas, muitas delas constituídas de redondilhas maiores, além de alguns sonetos em decassílabos, considerado a “matriz poética” da obra madura de Florbela Espanca e do qual derivaram vários projetos de livros, quase toda a sua produção literária concentrou-se em uma só década, de 1920 a 1930.

Não participou do movimento modernista, mas acompanhou atentamente as inovações poéticas de Fernando Pessoa e outros poetas da época. A propósito, no espólio de Fernando Pessoa, na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, encontra-se um poema intitulado “À memória de Florbela Espanca”, no qual Florbela é definida como uma “alma sonhadora, irmã gêmea da minha!”

Florbela Espanca cultivou, mais que tudo, o soneto, que explorou quase à perfeição. Produziu-os em farta quantidade, reunindo-os em três livros inicialmente publicados: *Livro de Mágoas* (1919) e *Livro de Sórora Saudade* (1923), ambos com Florbela ainda viva e muito bem recebidos pela crítica, e *Charneca em Flor* (1931), publicado logo após a morte da autora, que ainda chegou a fazer as revisões para sua publicação, muito bem recebida pelo público.

Guido Batelli, professor italiano e amigo de Florbela, acrescentou à segunda edição de *Charneca em Flor*, vinte e oito sonetos inéditos de Florbela, destacando-os com o título de *Reliquiae*. Em edições posteriores, foram acrescentados mais outros cinco sonetos, de modo que as publicações mais recentes trazem trinta e três sonetos sob o título *Reliquiae*.

Florbela teve como centro de sua atenção o seu eu interior, profundo, marcado pela marginalidade característica de sua vida desde o nascimento. Com foco na dor, na insatisfação, na rebeldia, na infelicidade, ela se revela inteira nos seus versos, como se vê no soneto que abre o *Livro de Mágoas*, do qual registro o último terceto:

Irmãos na Dor, os olhos rasos d'água
Chorai comigo a minha imensa mágoa,
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

No “Preâmbulo do Editor”, do livro *Florbela Espanca – alma sonhadora irmã gêmea de Fernando Pessoa*, Amadú da Fé afirma:

Não é difícil, portanto, determinar o quanto há de profundo e pessoal na obra de Florbela. O difícil será obter a compreensão das dimensões linguísticas e culturais a que chegam as suas reflexões, poéticas e filosóficas, como a fenomenologia da dor e da insatisfação, e o augúrio do amor e da vida nelas encastrado. Para além do mais, Florbela oferece-nos, assim a saibamos interpretar, o melhor entendimento

possível acerca da alma humana, como poeta algum, alguma vez, logrou conseguir.

Para além dos sonetos, Florbela fez excelentes incursões pelo campo dos contos, ainda que com uma produção quantitativamente bem menor que a poética. Alguns deles já apareciam no caderno *Trocando Olhares*, como “Mamã!”, o primeiro a ser escrito, ainda aos 12 anos. Seus contos estão reunidos nos livros *Máscaras do Destino* (1931), dedicado ao irmão Apeles, logo depois de sua morte em um acidente aéreo, em 1927, do qual Florbela nunca se recuperou, e *O Dominó Preto*, escrito em 1927, mas só publicado em 1982, além de vários outros, esparsos, como “Mamã!”, “A oferta do destino”, “Amor de sacrifício” e “Alma de mulher”, posteriormente incluídos em *Contos Completos* (Bertrand Editora, Ltda, 2014).

Tanto em poesia como em prosa, os escritos de Florbela Espanca revelam uma alma universal, uma mulher atemporal, em luta contra os preconceitos de uma sociedade patriarcal e dominadora.

Em um comentário sobre a obra de Florbela, no livro *Florbela Espanca e sua obra*, Aurélia Borges reconhece que

..... Florbela é sobretudo a Mestra da elegância de pensamentos. Nas suas poesias – as mais arrojadas, as de maior exaltação – não há uma simples frase, uma única ideia chocante. Descendo à materialização do amor, paira sempre acima da vulgaridade e é o seu luminoso espírito que adoça, perfuma e enaltece o que noutros é torpe, abjeto.

Florbela dizia que ser poeta é ser mais alto, é ser maior / do que os homens! Morder como quem beija! / É ser mendigo e dar como quem seja / rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

Para ela, a morte foi sempre uma amiga e companheira, presente em numerosos sonetos, de forma serena e natural. Dias antes de falecer, embora não tenha sido compreendida, ela anunciou o suicídio próximo no soneto “Deixai entrar a morte”.

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,
A que vem pra mim, pra me levar.
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

Embora tendo partido há quase noventa anos, Florbela continua viva e presente no cenário poético lusitano e universal, como uma estrela de primeira grandeza, ou um cometa que só acontece uma vez no século.

POÉTICA

Diego Mendes Sousa

“A Ideia Poética é aquela que posta em prosa exige ainda o verso.”
Paul Valéry

Quero que o meu poema seja terra a terra.
Sincero como a paisagem do rio da minha terra.
Belo como a alma dessa terra: casa incendiada,
explosão acontecendo.

Meu poema é como a tarde que se afoga em
chuva, como a noite dos mistérios,
turvas manhãs às claras. Meu poema com rosto
de solidão,
com curvas de lamentos e auroras de mágoas.

Meu poema, fugaz ser do mar, pássaro consumido.
Ilha de dor, espantado e revoltado.
Ondas de um tempo exilado, massacrado e
morto,
essas águas insones.

Meu poema sem vestígios, porém com sangue e
voo.

Meu poema, meu martírio.

Meu poema com gestos de delicadeza. Meu poema
em leito de vida,
margens protestadas do sonho, sinos dobrados e
bêbados da derrota.

Às águas, o meu desespero! Espelhos d'água, a
minha terra, o meu poema.

Meu poema, assim na terra como no céu.

Meu poema, como preceito de um revelado
bálsamo irreal. Meu poema, de coração detonado.
Túnel vazio, imagens devassas, praias iluminadas.

Meu poema desfolhado
e amargo. Meu poema como herança, cemitérios
de ruínas.

Meu poema, destruição e contemplação.

CANÇÃO DO CORAÇÃO

Fernando Mendes Vianna

Coração, cavalo verde,
com espumas, vento e mar.
Coração, cavalo verde,
teu galope é navegar.

De esmeralda, este cavalo
me conduz até o Graal.
Meu destino é galopá-lo
e desvendar o animal.

Ó cavalo da esperança,
que ânsias na tua crina!
Que importa se ele me cansa:
galopá-lo é minha sina.

Coração, cavalo verde,
com espumas, vento e mar.
Coração, cavalo verde,
teu galope é navegar.

PAISAGEM

Francisco Alvim

O telefone arqueja sobre a mesa
giram os cataventos na colina
surgem nucas do fundo de gavetas
recobrem-se de relva as piscinas
Minha gravata pelo céu adeja
ao embalo desta brisa vespertina
diluiu-se no ar a única defesa
interposta entre o canteiro e a usina
Ainda está gravado no lajedo
(rastros de serpente) a queda do irmão
ou um outro gasto travesti do medo
E sobre o casario um astro míope
parece contemplar a sucessão
infinita de enganos que amor move

MOTIVO X

Lina Tâmega Peixoto ()*

Quando a casa morava sozinha
e bandos de mansa alegria
andavam pela tarde,
a menina moía a floresta
nos grãos de mostarda,
colhia o musgo macio do mormaço,
punha a chuva na moringa e
descalçava o coração.

Assoprava as luzes do quarto
e os frutos de louça na tigela
endureciam a noite.

Lia em voz alta o livro
para que o corpo das palavras
lhe desse forma de moça.

Ao romper as vigílias da fala
cantava a carnadura da alma.

(*) Fundadora da ANE

CANTE

J. Peixoto Jr.

Não posso negar que abril me envelhece,
pois o cabelo já mostra escassez,
cabelo preto não mais aparece,
ficou no rastro que o meu tempo fez.

Se alguma macacoa me aborrece
felizmente é pequena em agudez,
por ser fraca, depressa a gente esquece,
caso apareça apenas uma vez.

Mas é bom um abril todos os anos
assim: sem um remorso ou desenganos,
mas com alegrias a perder de vista...

Cantemos, pois o canto é alegria,
manifestação própria a este dia.
CANTE os noventa e oito anos do versista.

MORITURI

Romeu Barbosa Jobim (*)

São muitos. Mais de duas dezenas. Caminham para a morte e de nada sabem. Estão, por isso, despreocupados. Tenho de avisá-los do que os espera. Sim, é necessário dizer-lhes que não prossigam. Se o fizerem, morrerão. Mas como chegar até eles? alguma coisa terei de fazer. Seja o que for. A verdade é que não os devo nem posso deixar assim, inadvertidos do perigo. São seres humanos. E o fim que os aguarda é terrível.

Vou tentar gritar. Faço-o uma vez, duas, mais. Não me ouvem. Nem se apercebem de qualquer advertência, de qualquer chamamento. Utilizarei aquele microfone. Pode ser que me atendam. Pelo menos me ouvirão. Foi por ele que receberam a ordem de avançar. É claro que obedecerão a qualquer comando, feito por seu intermédio. Pronto: já estou com ele à frente, e falo, conclamo. Continuam, imperturbáveis. Desligado? Não, não está. Faltando energia? Igualmente não. Torno a falar e a gritar. É inútil: não me ouvem. Aqui está o cavalheiro que, também sem nada saber, lhes deu a ordem de marchar. Vou pedir-lhe que dê contra-ordem. Não me vê nem me ouve. Será possível, meu Deus? Aquelas vidas precisam ser salvas. Do grupo fazem parte mulheres e crianças, moços e velhos. Terão mesmo de morrer, sê-lo-á de todo inevitável? Ali vai uma

família inteira.

Pararam. À frente há um pequeno portão e, segurando-o, uma jovem de uniforme. Parece que descobriram e ela lhes vai comunicar. Aproximo-me. Apenas procura certificar-se da presença de todos. Na ignorância do que vai acontecer, conta-os profissionalmente e aguarda os retardatários. Coloco-me a seu lado e tento convencê-la de ordenar a todos que voltem. Durante um segundo, julgo que me ouve ou vê: olha em minha direção e fica pensativa. A ilusão dura pouco. Logo retorna à atividade e, determinando ao grupo que a espere, vai falar ao cavalheiro do microfone para que chame a senhora e as duas crianças que estão faltando. Não conseguindo impedi-la nem ao cidadão do microfone, procuro fazer que este permaneça mudo. Mas a senhora é chamada e aparece com as duas crianças. Em vão quero falar-lhe e, em seguida, a uma por uma das pessoas que, aberto o pequeno portão, se dirigem agora inapelavelmente para a morte.

Verifico que nada posso fazer no sentido de salvar aquelas vidas. Está decidido que pararão daqui a pouco e não adianta lutar em contrário. Coloco-me a pequena distância e, enquanto o grupo desfila, contemplo, de relance, a figura de seus componentes.

Faço-o angustiado, mas outra coisa não me resta. O rapaz da frente tem dezoito anos e ama

a vida. Desportista, cursa o primeiro ano da Faculdade de Medicina. Seria um grande médico. O senhor de cabelos brancos não se considera realizado. Mas está feliz. O filho acaba de fazer brilhante concurso e o netinho, que vem de conhecer, é um encanto de criança. A semelhança com o avô é, ademais, fato por todos realçado. A senhora de azul, grávida, é só enlevo para o filho a nascer. Casada há três anos, ia ser mãe pela primeira vez. Não tem pensamentos senão para a criança que leva no ventre. Por ela tudo fará e, em sua vida, viverá outra vez. O moço magro, vestido com simplicidade, é talentoso escritor que desponta. Com o romance escrito, o primeiro, ainda inédito, acaba de merecer valioso prêmio. A senhora das duas crianças cuida destas e pensa nos demais membros da família, com os quais espera ter dentro de horas. Imagina como já devem estar ansiosos. Quanto aos pequenos, é de ver-lhes a alegria e a vivacidade.

Um a um, continuam a desfilhar ante meus olhos. Já não os vejo, porém. Absorto nesse estranho mistério que é a cessação da vida, pergunto-me por que destinos tão diferentes têm de encontrar-se ali, na tragédia.

(*) Fundador da ANE

PARA RAIMUNDA

Nazareth Tunholi

Aqueles cantos do poeta
derramando versos tantos
pelo seu caminho, Raimunda,
exalavam encantamento
e a gratidão de ser tocado
pela sua delicadeza!

Lindo, hoje, ver estrelas
nas chispas de cada palavra
dos poemas feitos pra você,
pelo seu grande amor
João Henrique Serra Azul,
autor de rimas líricas e épicas!

Volto para você o meu olhar,
vejo suas ações na cultura

e a luz do seu caminhar,
tantas vivências e cuidados,
junto às artes e às letras.
Muito admiro sua trajetória!

Por viver imersa em poesia,
você acostumou-se à carícia
de versos, ritmos e sussurros
estimulando sua alegria,
inspirando decisões,
revigorando sua vida!

E quando o tempo fala
de sua luz e evolução,
mostra suas mãos carinhosas,
revela um forte coração

aberto, colhendo rosas
entre amizades tantas!

Na sua disposição de ouvir
as toadas do viver,
há doação e gentileza,
em paisagens cotidianas,
da pessoa iluminada
que você é, Raimundinha!

Em sua biografia, a formação
e a pós-graduação em Direito,
esposa do “Príncipe dos Poetas”,
mãe de três filhos de sucesso,
dinâmica, culta, amiga,
uma história vitoriosa!

SORTILÉGIO

Joanyr de Oliveira (*)

Pois é, Natércia, você desposou as nuvens e flutua, sozinha, sobre a face do Lago. E eu ainda cogitando de refugiar-me no infinito. Não a engano: estou no fim da resistência, meu mundo extremamente confuso, cheio de retas trementes, de círculos em contorções nervosas e que se diluem inesperados, de luas em entrechoques e de gemidos lancinantes. Meu mundo está demasiado denso para o homem aniquilado que agora sou. De alma e corpo. De alma!, Natércia... Fisicamente sempre o fui, você não o desconhece. Desde tenra idade – sabe, meu bem? Estado, aliás, objeto de comentários de minha mãe, esperançosa de que o médico me revigorasse; dos parentes, dos vizinhos que, vendo-me, definhado, a caminho da escola, faziam-me alvo de sua falsa piedade: pobrezinho do Nélio, é um esqueleto ambulante... Por vezes chegavam-me essas ironias, esses escárnios, como um duro soco, tremendo! Conquanto perturbado, sob impacto, seguia eu a minha estrada – e ia entre o desejo de vingança e convulsivo choro. A professora amenizava as conturbações do meu interior com sorrisos calmos, maternais, e com elogios; não aos meus cadernos, de ordinário com orelhas e borrões; não à aplicação ao estudo, que em mim lugar para ocupações desse jaez não havia – mas à cor dos meus olhos e ao aparente embevecimento com que percorriam as letras do quadro negro. Logo à primeira pergunta, porém, a mestra tinha que colher decepção amarga – e as palmatoadas tentavam exercer a função de me repor na realidade do mundo. Pois o negro do quadro me havia transportado para o longínquo, para a minha quase-favela. Ora, como não? Mamãe não dizia que a fome é negra, e os vizinhos então não passavam tanta fome? “Você está é sempre no mundo da lua, isso sim”, censurava a professora nos primeiros flagrantes do meu alheamento. Mas, algum tempo depois, nas minhas reincidências, justificando-se com a frase, por todos proclamada, segundo a qual há um limite para a paciência, castigava-me sem dó. Um dia – vingança meditada à noite, em casa – pedi para buscar lápis caído no porão. Tudo pretexto, pois o que queria mesmo era ver-lhe as coxas, pelas frestas. E estaríamos quites! Surpreendido, porém, apanhei bem apanhado – e ela ficou a chorar, piedosa do taradinho – reservou-me o pai pública surra, na frente da escola, à vista dos colegas.

Pensei em assassinar alguém, com uma pedrada. A meu pai, não! Gostava muito dele. Era quem me torturava com proibições e castigo, mas em compensação me trazia comida – “a fome é negra” – e em sua casa é que eu dormia... Então, me convencendo de que inexequível era a exterminação de um humano, em dois pedaços parti a perna de um frango, criação da vizinha – ela exceção entre todos, pois se vestia bem e afrontava a miséria circunjacente com chistes e perfumes – cujas filhas, não sabia eu por quê, batizaram de galinhas. E dentro da lógica dos meus sete anos, interrogava-me se era possível ave implume. Mas a dúvida ia crescendo, não resisti: “Mamãe, como é que pode...?” Geny, a mais moça, cheia de “sexy” passava, jogou-nos pesado palavrão. Com quem fora eu aprender indecorosidades? Pois não mais sairia à tarde. Os moleques estavam ensinando ao filho coisas que ele dizer não devia.

Depois das quatro, papai chegava. Sizudo, pisando seca e duramente no assoalho da sala, exigia o pedido de benção e ia ao banho. Perguntava à maninha se eu fizera algo errado. “Não minta, hein?! Se ocultar a verdade, quem apanha é você!” Jussara respondia, temerosa: quase sempre tinha de que me acusar e na próxima oportunidade que se me oferecesse aplicar-lhe-ia uns cascudos. Em caso negativo, ainda assim papai teria por que me surrar, quando fosse tomar a lição. Porque trocava as letras, porque gotejava lágrimas na cartilha. E eu tremia, os olhos quase exorbitados, os lábios secos. De momento a momento a meus pés se abria a terra.

No dia subsequente rasguei um teco-teco. Nas asas, na cauda, no corpo. Se eu tivesse gasolina, incendiava-o. Ficou todo ferido, a gilete. Horas depois, toda a cidade comentava: “O dono do avião, retalhado hoje, dá cinco contos de réis a quem descobrir o autor do crime”. Juntei-me ao

grupo que olhava a vítima, coberta de esparadrapo. Disse cinicamente ser um dinheirão.

Pois é, Natércia, você é, continua a ser magnífica. Arrebatou-me ao abstrato e agora, volvendo à realidade, vejo-me inesperadamente no cerne da infância esquecida. Você tem algo em comum com a psicanálise, Natércia. Por que Sigmund Freud, Natércia? Você é sobretudo maravilhosa. E é tanta coisa a um só tempo! Representa-me as coisas mais várias e díspares, mais heterogêneas – mas todas elas convergem para um ponto: aquele em que está o grande mistério dos meus voos, das minhas flutuações, noite adentro. Diria até que em você há um cipocal de tentáculos em cujo seio estou vivendo de certo tempo para cá, conformado e contornado pela alegoria constituída de sua presença imaginária. Mas você não pode ser isso, Natércia, você não é tentáculos, pois me estou havendo com espontaneidade, nada me oprime – não, nada me oprime, devo ser incisivo e dizer alto e bom som que nada me oprime, Natércia – nada me oprime, nada me determina senão o destino que eu próprio escolhi, o caminho que elegi para os meus próprios pés.

De chofre, estou de olhos a passear na alvura das paredes, e o meu gesto é uma certa tentativa de libertação. Mas eu não estava a dizer, ainda há pouco, veemente, que tenho pés e asas inteiramente livres? Que repouso nas lembranças de Natércia como e por que quero? Não me compreendo mais... não me compreendo... Meu pai, se eu fosse criança e se o meu mundo pudesse revelar a misteriosa e indizível face aos seus olhos, meu pai diria por certo que eu estava com besteiras, como biruta. Mas agora sou livre. Senão de Natércia, senão de mim mesmo, livre me encontro das ordens sobre as quais bradei ao completar dezoito anos: sepultei-as! graças a Deus. Abram-se os campos à minha imaginação, os campos e as nuvens; descerrem-se as estradas que me eram obstruídas; graças aos céus e à terra – sepultei-as!

Devo ter externado alguma dessas palavras que, em miríades, carrego. Devo, sim, porque Ofélia vem vindo. Ouço o tatarar de seus passos, pelo corredor. Debruça-se no meu ombro, tenta ler-me. “Que se passa contigo, meu bem? Tens estado tão estranho, ultimamente...” Quer prosseguir, mas eu não deixo. O gelo de minha indiferença lhe desaconselha outras interpelações. Beija-me levemente o rosto e sai, tristonha, límpida, terna... Minha mulher é um anjo, é maternal para comigo, mas é muito pouco para contrabalançar o peso do meu passado. Ademais, é mística e os seus lábios vivem cheios de preces; é pura. E eu, cada vez mais dentro da minha própria religião, sem dogmas, sem preceitos, sem hinos; e eu cada vez mais desejoso de fuga. Nem a figura onipresente de Natércia sofria a minha avidez crescente e a minha transformação. Nem o espectro de Natércia, vejam que não é pouco...

A parede de minha porta parece agigantar-se. Como desenho animado, mas é circunspecta e não admite riso. Estou sério, fechado, como um templo; e os meus deuses são feitos de sons e se modelam pelo teto, nos ângulos das paredes, nos meus poros e pelos; e, principalmente, na porta. As dobradiças, a maçaneta a refletir os meus olhos desmensurados, a madeira de cor marrom, as peças da porta têm vida, têm alma, têm movimentos com ritmos e sortilégios. Dentro das cores, dos sons, dos movimentos, a presença de Natércia. Quero explicações – “que se passa contigo, meu bem?” – mas o melhor é calar-me, que o dever da reverência não admite palavras em um templo.

Não falo. Espraiam-se, porém, os pensamentos. Entram navegadores pela face de Natércia, singram o seu riso longínquo, bondoso, que desde o primeiro encontro me harmonizou com o seu espírito. E, através da Natércia-abstrato recuo, solene, às nossas tardes, quando saíamos do Ministério. Tomávamos o mesmo ônibus, que nos trazia às respectivas casas. No interior

do veículo, ninguém adivinharia o quanto estávamos presos um ao outro. Nem os chefes, nem os colegas, nem Ofélia que, segurando no meu braço, fazia questão de proclamar a felicidade do casal de funcionários que constituíamos, casal de funcionários que ainda somos.

Aquilo era amargo; não, Natércia? Evidente que era profundamente amargo. Um ou outro fim de semana em Goiânia, e ainda assim temerosos, preocupados, perseguidos por algo que talvez fosse gritado pelas nossas consciências. Ou, ocultados pelas noites, éramos dois apressados amantes, fingindo-se namorados, junto ao grande Lago. E, quando saía com Ofélia, e por você passávamos, éramos um triângulo a repercutir dissonâncias e a engolir sombras.

Encontraram-me ainda com vida, Natércia. Você o sabe, pois adquiriu o dom de ver tudo quanto acontece comigo. Por que, Natércia, insiste em evitar-me nova tentativa? Você é a mesma alma protetora, altruísta, mas deve compreender que fizemos um pacto de morte – e eu ainda vivo, Natércia, ainda vivo sob o peso do mundo!... Bem, é inútil. Verei até quando terei forças para carregar o meu drama.

O teco-teco que eu assassinei, na infância, fez-me relembrar, agora, o nosso encontro. O fatal, junto da tranquilidade das águas alheias aos nossos desígnios. Matei o aviãozinho porque meu pai me espancava. E, associando ideias, rememoro o momento em que, por mútuo consentimento, apunhalava o seu peito cheio de pulsações, amor e vida, e que em seguida, e que em seguida depositava-lhe o corpo claro no ventre quase glacial do Lago, eu também agora um vingador. Era uma resposta, que incompleta ficou quando os pescadores me recolheram. Um grito de insurreição ante as teias e os tentáculos do mundo.

Ainda que você não deixe um só minuto de guardar-me, Natércia – assim amiga e como abrigo meu – afianço-lhe que não resistirei por muito tempo, e qualquer dia desses saltarei dessa atitude passiva, desses solilóquios, da angústia de minha longa espera. E, então, quatro olhos vítreos, imensos, passarão a flutuar sobre as horas, sobre as vidas sem norte e sobre a terrível face do Lago.

(*) Fundador da ANE

A BRASÍLIA QUE QUEREMOS E O BRASIL QUE QUEREMOS

Aldo Paviani

Depois de anos obscuros, o Brasil e igualmente a capital da república retornaram ao que denominamos “vida normal”, isto é, as atividades econômicas voltaram às suas atividades e os poderes e instituições funcionam plenamente, com as usuais discrepâncias que a democracia permite nos três poderes federais. Igualmente, a população e as atividades econômicas, comércio e a incipiente indústria geram o que sempre executaram nas respectivas áreas.

Também, não era sem tempo de se manter ativas as instituições que cumprem o seu papel na clássica divisão de poderes federativos, que, diga-se, geram as principais atividades com as quais a população de Brasília se ocupa e gera recursos para as questões sociais e de segurança pública. As atividades policiais se mantêm em alerta sobre possíveis atentados para não repetir as arruaças de 8 de janeiro desse ano, sobretudo com o retorno ao país do personagem que ocupou de forma desastrosa por quatro anos a presidência da república.

O Brasil que queremos e a Brasília que queremos é o título de programa, coordenado pelo professor emérito da Universidade de Brasília, o Dr. Isaac Roitman e que se mantém na UnB com o Núcleo do Futuro/CEAM. Para as atividades desse núcleo, onde se escrevem textos e se realizam entrevistas e dão o rumo para o desenvolvimento de atividades. Essas são sempre desejadas para melhorar as condições de vida da população brasileira, inclusive a de Brasília. Essa cidade implantada, em 1960, por Juscelino Kubitschek

indicou a interiorização do povoamento, visando desenvolver atividades econômicas e sociais e ocupando o Norte e Centro-Oeste brasileiros com desenvolvimento regional. Anteriormente, nada se havia feito nesse sentido, embora seja de extrema importância estratégica e geopolítica. Foi verdadeiro laboratório para experimento em urbanização em campo aberto. A capital é tida como planejada, embora o pensamento original do grande urbanista e arquiteto Lucio Costa tenha sido diverso com seu Plano Piloto sendo à época (1957) pensado para coincidir com Brasília, mas que se ampliou, transformando-se na terceira metrópole brasileira na designação do IBGE.

O crescimento do núcleo central, onde estão instalados os três poderes federais, extrapolou-se para Taguatinga, ainda em 1958 e posteriormente espraiando-se para Gama, Sobradinho e ampliando-se a ocupação das preexistentes Planaltina e Brazlândia e outras ocupações urbanas, chegando a 35 cidades-satélites ou Regiões Administrativas (RAs), na denominação do setor político e administrativo do Governo do Distrito Federal (GDF). Em decorrência desse polinucleamento urbano, como o denominei anteriormente, a Brasília de hoje é uma constelação de núcleos disseminados no território de cerca de 5.800 km², ficando reduzidos a essa dimensão os 14.400 km² proposto pela Comissão Cruls, iniciada em 1892 com relatório deixado para o presidente da República em 1896. Posteriormente, a área do Distrito Federal (DF) ficou reduzida a 5.800 km² e é nesse quadrilátero (equivocadamente denominado por alguns de “quadrado”) que estão situados os

núcleos urbanos e o povoamento do território do DF. Todavia, por ações não oficiais (de grileiros), Brasília possui inúmeros assentamentos sem qualquer benefício público como esgotamento sanitário e água tratada ou atendimento hospitalar e de saúde pública. Com análises feitas pela Câmara Legislativa, alguns desses assentamentos podem ser “regularizados”, isto é, podem ser tidos como legais e ter atendidas demandas das respectivas comunidades. Em raras situações os ocupantes ilegais podem ser, como no passado, “removidos”, sobretudo se estiverem em área de “preservação ambiental”, afetando mananciais, córregos, riachos ou outras lâminas de água como o lago Paranoá, lagoa bonita ou mesmo as águas emendadas, este um raro vertedouro que segue em direção às grandes bacias hidrográficas do interior brasileiro.

Retornado ao título deste escrito, penso que queremos um Brasil e uma Capital sem cidadãos passando fome ou sem emprego e com assistência médico-hospitalar de ótimo atendimento, tendo enfermeiros, médicos e técnicos habilitados a atender a população, sobretudo idosos e pessoas de baixa renda — aliás, em um país tão rico nem deveriam existir pessoas recebendo renda baixa ou insuficiente. A renda de quem trabalha deverá ser compatível com o trabalho executado e proporcional ao número de dependentes do trabalhador. Só assim teremos uma Brasília e um Brasil com melhores condições socioeconômicas de prosperar e ser digno de ser como é uma grande nação. Igualmente, terá possibilidades de continuar sendo país líder na América Latina.